

## O PRIMEIRO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL NA PARAÍBA: ANÁLISE DOS PROCESSOS HISTÓRICOS

The first occupational therapy course in Paraíba: analysis of historical processes

El primer curso de terapia ocupacional en Paraíba: análisis de procesos históricos

Ana Beatriz Silva da Rosa

<https://orcid.org/0009-0005-6446-1783>

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Terapia Ocupacional, João Pessoa, PB, Brasil.

Luan Henrique Anselmo da Silva

<https://orcid.org/0009-0006-1827-3295>

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Terapia Ocupacional, João Pessoa, PB, Brasil.

Gustavo Artur Monzeli

<https://orcid.org/0000-0002-4147-1840>

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Terapia Ocupacional, João Pessoa, PB, Brasil.

**Resumo: Introdução:** A terapia Ocupacional chegou ao Brasil devido a epidemia de poliomielite, em 1956, sendo influenciada diretamente pelos Estados Unidos. No início dos anos 2000, houve apoio do governo para abrir novos cursos nas universidades federais do país, e assim marcando a expansão de novos cursos em terapia ocupacional no país. **Métodos:** Os objetivos dessa pesquisa é analisar os processos históricos que levaram à constituição da terapia ocupacional no estado da Paraíba, identificando os motivos de criação e os desafios iniciais para a implantação do curso na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A investigação realizada foi por meio do estudo qualitativo de cunho analítico, tendo por meio a realização de entrevistas e os dados analisados foram mediante as transcrições das entrevistas executadas. **Resultados:** O primeiro curso de Terapia Ocupacional na Paraíba foi na UFPB, tendo como principais pilares de mobilização o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais e devido à necessidade desses profissionais no Estado. Durante o processo de implantação foram observados alguns desafios que variam desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPC) até a construção da infraestrutura do departamento, além do desconhecimento da população a respeito da profissão. **Conclusão:** apesar de dificuldades marcadas, houve a superação da invisibilidade da profissão, a construção coletiva do PPC, enfrentamento de burocracias, e a contratação de profissionais, mostrando a perseverança dos profissionais envolvidos em todo o processo.

**Palavras-chave:** Terapia ocupacional. História. Ensino. Universidade. Brasil.

**Abstract: Introduction:** Occupational therapy arrived in Brazil due to the polio epidemic in 1956, being directly influenced by the United States. In the early 2000s, there was government support to open new courses at federal universities in the country, thus marking the expansion of new courses in occupational therapy in the country. **Methods:** The objectives of this research are to analyze the historical processes that led to the establishment of occupational therapy in the state of Paraíba, identifying the reasons for creation and the initial challenges for implementing the course at the Federal University of Paraíba (UFPB). The investigation carried out was through a qualitative study of an analytical nature, involving interviews and the data analyzed through transcriptions of the interviews carried out. **Results:** The first Occupational Therapy course in Paraíba was through UFPB, with the main pillars of mobilization being the Support Program for Restructuring and Expansion Plans of Federal Universities and due to the need for these professionals in the State. During the implementation process, some challenges were observed, ranging from the preparation of the Pedagogical Political Project (PPC) to the construction of the department's infrastructure, in addition to the population's lack of knowledge about the profession. **Conclusion:** despite marked difficulties, the invisibility of the profession was overcome, the collective construction of the PPC, facing bureaucracy, and the hiring of professionals, showing the perseverance of the professionals involved in the entire process.

**Keywords:** Occupational Therapy. History. Teaching. Universities. Brazil.

**Resumen: Introducción:** La terapia ocupacional llegó a Brasil debido a la epidemia de polio en 1956, siendo influenciada directamente por Estados Unidos. A principios de la década de 2000, hubo apoyo gubernamental para abrir nuevos cursos en universidades federales del país, marcando así la expansión de nuevos cursos en terapia ocupacional en el país. **Métodos:** Los objetivos de esta investigación son analizar los procesos históricos que llevaron al establecimiento de la terapia ocupacional en el estado de Paraíba, identificando las razones de su creación y los desafíos iniciales para la implementación del curso en la Universidad Federal de Paraíba (UFPB). La investigación realizada fue a través de un estudio cualitativo de carácter analítico, involucrando entrevistas y los datos analizados a través de transcripciones de las entrevistas realizadas. **Resultados:** El primer curso de Terapia Ocupacional en Paraíba fue a través de la UFPB, siendo los principales pilares de la movilización el Programa de Apoyo a los Planes de Reestructuración y Ampliación de las Universidades Federales y debido a la necesidad de estos profesionales en el Estado. Durante el proceso de implementación se observaron algunos desafíos, que van desde la elaboración del Proyecto Político Pedagógico (PPC) hasta la construcción de la infraestructura del departamento, además del desconocimiento de la población sobre la profesión. **Conclusión:** A pesar de marcadas dificultades, se superó la invisibilidad de la profesión, la construcción colectiva del PPC, el enfrentamiento a la burocracia y la contratación de profesionales, demostrando la perseverancia de los profesionales involucrados en todo el proceso.

**Palabras clave:** Terapia Ocupacional. Historia. Enseñanza. Universidades. Brasil.

### Como citar:

Rosa, A. B. S.; Silva, L. H. A.; Monzeli, G. A. (2025). O primeiro curso de terapia ocupacional na paraíba: análise dos processos históricos. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(3), 3421-3435, DOI: 10.47222/2526-3544.rbto66692

## Introdução

No Brasil, a terapia ocupacional tem seu processo de constituição histórica, no que se refere especificamente à formação profissional, marcado por alguns movimentos como o acúmulo de conhecimentos e práticas relacionados à atenção à loucura e ao contexto de respostas à epidemia de poliomielite que se instaurou na América Latina entre as décadas de 1930, 1940 e 1950 (Monzeli, Morrison & Lopes, 2019; Monzeli, 2021).

Além disso, no contexto da Guerra Fria, os projetos de cooperação internacional para o desenvolvimento da América Latina, liderados por organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) tiveram grande destaque no processo de criação de centros de reabilitação e, por consequência, no incentivo para a criação de profissões que não existiam até então nesses países, como foi o caso da terapia ocupacional (Monzeli, Morrison & Lopes, 2019; Monzeli, 2021).

Em 1956, a Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro (ERRJ), criada como parte da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), deu início ao Curso Técnico em Reabilitação, com duração de dois anos, formando terapeutas ocupacionais pela primeira vez no país. A primeira turma foi concluída em 1958, formando sete terapeutas ocupacionais (Reis & Lopes, 2018).

O segundo curso de terapia ocupacional no Brasil, foi criado em 1958, vinculado ao Instituto de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo na cidade de São Paulo, tendo sido formada a primeira turma em 1959 com quatro terapeutas ocupacionais. Em 1962, foi criado o primeiro curso de terapia ocupacional na região nordeste do país, na cidade de Recife, posteriormente vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (Monzeli, 2021).

Ademais à criação dos primeiros cursos de formação em terapia ocupacional no Brasil, outros processos foram relevantes para a constituição histórica da profissão, como a regulamentação da terapia ocupacional pelo Decreto-Lei nº 938, de 13 de outubro de 1969, e a criação do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) pela Lei nº 6.316, de 17 de dezembro de 1975.

Em relação, especificamente, aos cursos de terapia ocupacional nas Universidades Federais, para além da criação do curso da Universidade Federal de Pernambuco em 1962, outros dois cursos foram criados na década de 1970: o da Universidade Federal de São Carlos em 1978, o da Universidade Federal de Minas Gerais em 1979 (Pan, 2014).

Nenhum curso de terapia ocupacional foi criado em Universidades Federais nas décadas de 1980 e 1990 e, posteriormente, tivemos apenas os cursos criados na década de 2000, como o da Universidade Federal do Paraná em 2001, o da Universidade Federal de São Paulo em 2006 e, o da Universidade Federal do Triângulo Mineiro em 2007 (Pan, 2014).

Um marco importante neste momento, foi a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) criado no primeiro governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

Especificamente para a terapia ocupacional, o REUNI proporcionou a ampliação de 64,5% na oferta de vagas em cursos já existente em Instituições de Ensino Superior (IES), bem como a criação de oito novos cursos em IES que não ofertavam a formação em terapia ocupacional até então, representando um aumento de 133% no número de cursos de terapia ocupacional em IES (Pan, 2014).

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o curso de terapia ocupacional teve início em 2009, na cidade de João Pessoa, sendo o primeiro do estado da Paraíba a ofertar a formação em terapia ocupacional. Exatamente por este pioneirismo e, por não haver registros sobre este processo, transcendendo os aspectos regimentais, surge a necessidade de se conhecer, discutir e analisar o processo de criação e implementação do primeiro curso de terapia ocupacional do estado da Paraíba.

## **Métodos**

Os dados aqui apresentados e discutidos foram produzidos por meio de um estudo qualitativo de cunho analítico, realizado entre setembro de 2023 e agosto de 2024, tendo como fonte de dados os documentos oficiais que possibilitaram a criação do curso de terapia ocupacional da UFPB, bem como as entrevistas que foram realizadas por meio de roteiros semiestruturados.

Em concordância com Minayo (2013), a pesquisa qualitativa não tem intuito de quantificar com dados estatísticos, preocupando-se com significados, motivos, crenças e valores. Dessa maneira, "a abordagem qualitativa, em geral, engloba dois momentos distintos: a pesquisa, ou coleta de dados, e a análise e interpretação, quando se procura desvendar o significado dos dados" (Marconi & Lakatos, 2022, p.302).

Para o estudo documental, analisamos documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de terapia ocupacional, o projeto pedagógico do curso (PPC) original e as resoluções do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) de aprovação do curso. A partir dos documentos oficiais, identificamos inicialmente os dados relevantes para a pesquisa, os quais foram analisados em conjunto com as entrevistas realizadas com roteiro semiestruturado. É importante destacar que esta pesquisa está em acordo com as diretrizes da Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, e da Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob nº CAE 85925018.8.0000.5060.

Minayo & Costa (2018, p.12) definem a entrevista como "uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação" a qual "cada entrevista expressa de forma diferenciada a luz e as sombras da realidade" (Minayo & Costa, 2018, p.13).

Em concordância com Marconi e Lakatos (2021), as entrevistas foram realizadas seguindo algumas normas, para que houvesse maior êxito, dentre elas foram: a) o contato inicial com os participantes realizando o convite para participação na pesquisa, deixando evidente o intuito da entrevista e nos colocando à disposição para eventuais dúvidas, enfatizando a possibilidade de desistência em qualquer momento da pesquisa; b) formulação de perguntas, por meio de um roteiro semiestruturado; c) registros de respostas, por meio de gravador de áudio, sendo possível registrar na íntegra a entrevista, para

posteriormente realizar a transcrição; d) término da entrevista, agradecendo a colaboração e reforçando a disponibilidade em caso de dúvida ou algum incômodo. A seguir detalharemos o percurso.

Inicialmente, as entrevistas foram realizadas com quatro participantes fundadores do curso de Terapia Ocupacional na referida instituição de ensino. E, após esta etapa, foram contactados outros quatro participantes, uma vez que, ao final das entrevistas, os primeiros participantes poderiam indicar outras pessoas que tivessem destaque ou relevância durante este processo de criação do curso de terapia ocupacional. Sendo assim, ao todo foram oito colaboradores entrevistados.

Em reconhecimento aos processos históricos, foi solicitada a autorização aos participantes para que suas identidades fossem mantidas e divulgadas, respeitando e valorizando a importância desses profissionais para a construção e implementação do curso, o que foi prontamente autorizado por todos os entrevistados.

Para a realização da entrevista foi necessário contactar o departamento de terapia ocupacional (DTO) da instituição de ensino, para a identificação dos primeiros docentes do curso. Os critérios de elegibilidade foram os docentes que ingressaram nos dois primeiros anos do curso: 2009 e 2010. Identificamos quatro docentes, que são: Cláudia Regina Cabral Galvão, Ângela Cristina Dornelas da Silva, Maria de Lourdes Feriotti e Carmen Tereza Costa, as quais foram as primeiras a serem entrevistadas.

Dessas quatro professoras, duas ainda se encontram em atividade na UFPB, Ângela e Cláudia, o que facilitou a realização do contato. Seguidamente, enviamos o convite para a participação da entrevista via e-mail e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, foi solicitado o contato das outras duas docentes, Maria de Lourdes Feriotti e Carmen Tereza Costa, que já não atuavam na UFPB no momento de realização dessa pesquisa. Prontamente, as docentes disponibilizaram os contatos e foi realizado o convite para a participação na pesquisa.

Esta primeira etapa de entrevistas ocorreu entre os dias 8 de novembro de 2023 e 6 de dezembro de 2023, com uma média de duração de 60 minutos cada. A entrevista com a professora Ângela foi realizada presencialmente na Universidade Federal da Paraíba. As entrevistas com as professoras Cláudia, Maria de Lourdes e Carmen foram realizadas via plataforma on-line. Ao término das entrevistas, solicitou-se indicações de novos colaboradores para a pesquisa. Neste momento foram indicados mais quatro professores da instituição: Simone Bezerra Alves do curso de Fisioterapia da UFPB, o professor João Euclides Fernandes Braga do curso de enfermagem da UFPB, e as professoras Márcia Queiroz de Carvalho Gomes e Andreza Aparecida Polia do curso de terapia ocupacional da UFPB.

Em seguida, realizamos o contato com os professores indicados, e todos aceitaram prontamente, dando início à segunda etapa de realização das entrevistas, que ocorreu entre os dias 20 de fevereiro de 2024 e 4 de março de 2024. As entrevistas com o professor João Euclides e a professora Andreza Polia foram realizadas presencialmente na UFPB, já as professoras Simone Alves e Marcia Gomes foram realizadas por plataforma on-line.

As entrevistas, foram gravadas a fim de realizar a transcrição, o que, de acordo com Silva, Reis & Bezerra (2022, p. 720) é a etapa de "organização da entrevista de forma mais temporal, sistematizando as seqüências dos fatos contados pelos colaboradores" (p.720).

Para a análise dos dados utilizamos as ideias de Bardin (1979, p. 31), sobre análise de conteúdo, o que segundo a autora é:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 1979, p.31).

Das 8 pessoas entrevistadas, sete são mulheres e apenas um homem, sendo seis terapeutas ocupacionais, uma fisioterapeuta e um enfermeiro. Neste grupo, seis possuem doutorado e duas mestrado. Salienta-se que todos são brancos autodeclarados e seis de naturalidades diferentes, como dos estados de Pernambuco (2), Rio Grande do Norte (1), Paraíba (1), São Paulo (2), Minas Gerais (1) e Bahia (1). Para melhor visualização apresentamos tais dados no Quadro 1, a seguir.

#### **Quadro 1:** Perfil dos participantes

<b>Nome</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Identidade de Gênero</b>	<b>Raça/Etnia</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Formação</b>	<b>Local de trabalho atual</b>
Angela Cristina Dornelas da Silva	Recife - PE	Feminino	Mulher cis	Branca	Doutorado	Terapeuta Ocupacional	Docente da UFPB - DTO
Cláudia Regina Cabral Galvão	Natal - RN	Feminino	Mulher cis	Branca	Doutorado	Terapeuta Ocupacional	Professora da UFPB - DTO
Maria de Lourdes Feriotti	Santo André - SP	Feminino	Mulher cis	Branca	Mestrado	Terapeuta Ocupacional	Aposentada pelo sistema público federal
Carmen Tereza Costa	Pedro Leopoldo - MG	Feminino	Mulher cis	Branca	Mestrado	Terapeuta Ocupacional	Aposentada pelo sistema público federal, pesquisadora e atende pacientes na saúde mental
Andreza Aparecida Polia	Bebedouro -SP	Feminino	Mulher cis	Branca	Doutorado	Terapeuta Ocupacional	Professora da UFPB - DTO

Nome	Naturalidade	Sexo	Identidade de Gênero	Raça/Etnia	Escolaridade	Formação	Local de trabalho atual
Simone Bezerra Alves	Recife - PE	Feminino	Mulher cis	Branca	Doutorado	Fisioterapeuta	Professora da UFPB - Departamento de fisioterapia
Maria Queiroz de Carvalho Gomes	Feira de Santana - BA	Feminino	Mulher cis	Branca	Doutorado	Terapeuta Ocupacional	Professora da UFPB - DTO
João Euclides Fernandes Braga	Uiraúna - PB	Masculino	Homem cis	Branca	Doutorado	Enfermeiro	Diretor do CCS

**Fonte:** organizado pelos pesquisadores

A partir da análise das transcrições das entrevistas, será detalhado, a seguir, o processo de criação do curso de Terapia Ocupacional da UFPB, destacando os principais fatores que motivaram a proposta do currículo e a sua implementação. Além de ressaltar os marcos históricos mais relevantes e os desafios enfrentados ao longo desse percurso.

## Resultados e discussão

A graduação em terapia ocupacional, na UFPB, teve como contexto para sua criação o REUNI, instituído pelo decreto 6.096 de 2007, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Este programa tinha como intuito a ampliação das universidades federais e melhorias no acesso e na permanência dos estudantes, propondo destinação de recursos financeiros para as instituições federais de ensino superior (Brasil, 2007).

Juntamente com esse programa, vale salientar que o estado da Paraíba não tinha, até então, a oferta de curso de graduação em terapia ocupacional, havendo poucos profissionais formados em outras unidades federativas, atuando nas redes pública e privada de diferentes campos de atuação.

Com a possibilidade de adesão da UFPB ao REUNI, o professor João Euclides, que na época de tramitação do processo (2008) era assessor de graduação do Centro de Ciências da Saúde (CCS), se reuniu com a gestão do CCS para realizar um levantamento de possíveis novos cursos para este Centro. Então, surgiu a proposta de criar os cursos de Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e bacharelado em Educação Física. Mas, apesar do cenário favorável, houve uma certa resistência para a criação desses cursos, como explicou o professor João Euclides:

“Para a criação desses cursos, algumas pessoas diziam ‘olhe, o curso de Fonoaudiologia na Unipê está fechando como é que nós vamos criar um aqui?’. Outro disse: ‘Terapia Ocupacional, que

profissão é essa? Ninguém nunca ouviu nem falar, como é que a gente vai criar um curso aqui?'. E eu era assessor de graduação na época, fizemos uma defesa ardorosa, levantamos na internet dados de demanda, de formação, trouxemos o exemplo de várias faculdades de vários estados que tinham o curso de Terapia Ocupacional e através dessa persuasão nós mostramos a necessidade desse profissional. Nós mostramos o vácuo que tinha. O pouco que tinha para convencer esses conselheiros do Consuni (Conselho Universitário) e do Conselho do CCS, da necessidade, da importância desse curso, que havia uma demanda reprimida desses profissionais, que há uma demanda desconhecida por parte da sociedade para esses profissionais" (Trecho retirado da entrevista realizada com o professor João Euclides).

O desconhecimento sobre a profissão pode gerar dúvidas e incertezas quanto à possibilidade de inserção profissional no mercado de trabalho, tanto no contexto brasileiro quanto paraibano. Mesmo a terapia ocupacional tendo mais de 50 anos de regulamentação no Brasil, ainda há unidades federativas brasileiras em que não existem cursos de graduação em terapia ocupacional e, tampouco, profissionais suficientes para atender às demandas da população em diferentes setores de política pública. Esse desconhecimento, por parte dos próprios membros dos Conselhos Superiores da UFPB gerou certa resistência para a criação do curso de graduação em terapia ocupacional. Contudo, apesar dessa resistência, foi iniciado o processo de implantação do curso de terapia ocupacional.

Para os trâmites desse processo de implantação do novo curso, era necessária a construção do PPC, e naquele momento, o professor João Euclides e a professora Margareth Diniz (diretora do CCS à época), convidaram a professora do departamento de fisioterapia da UFPB, professora Simone Alves, para escrever, em conjunto, a proposta de PPC para a terapia ocupacional. Esta informação também consta no próprio PPC do curso (2008, p. 110) em que se destaca que "o PPC de Terapia Ocupacional é o resultado de um trabalho coletivo que envolveu todos os segmentos ligados ao Departamento de Fisioterapia".

Durante esse processo, o professor João Euclides organizou uma visita à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), conjuntamente com a professora Simone Alves para verificar as demandas pedagógicas para a elaboração do PPC, além de um engenheiro da prefeitura universitária para identificar as exigências para a construção do prédio de terapia ocupacional.

Nesse decurso, iniciou-se o processo para a elaboração do PPC, ao qual a professora Simone Alves afirma que foi um processo de muitas pesquisas e de

"grande desafio, porque embora a gente seja de profissões irmãs [citando fisioterapia e terapia ocupacional], eu digo do mesmo Conselho [se referindo ao Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e ao Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO)], tem as especificidades, área de saber que são muito específicas da terapia ocupacional" (Trecho retirado da entrevista com a professora Simone Alves).

Seguindo o processo de criação da proposta, a professora Simone entrou em contato com uma colega terapeuta ocupacional, professora da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), que a ajudou a pensar na proposta de PPC da UFPB.

O primeiro PPC foi proposto com o objetivo de “capacitar o futuro profissional para o exercício de competências e habilidades gerais de atenção à saúde, tomada de decisão, liderança, gestão, empreendedorismo e educação permanente relacionados à prática da Terapia Ocupacional” (Universidade Federal da Paraíba, 2008, p.105). E assim, estando “centrado nos aspectos físicos, psíquicos e sociais da atividade humana. Visa a formação com conhecimentos nas áreas biológicas e humanas, além de áreas específicas indispensáveis ao pleno desenvolvimento da função do Terapeuta Ocupacional.” (Universidade Federal da Paraíba, 2008, p.105).

Com empenho significativo desses profissionais, em 28 de abril de 2009, a proposta de PPC foi aprovada no Conselho Universitário da UFPB, pela Resolução nº 45/2009 (Universidade Federal da Paraíba, 2008, p.118) e, posteriormente, sendo reconhecido pela portaria nº 346 de 03 de junho de 2014 do Ministério da Educação. Em 22 de julho de 2009, pela resolução nº 12/2009 do Conselho Universitário da UFPB (Universidade Federal da Paraíba, 2008, p. 117), foi autorizada a criação do curso. Então, iniciou-se o processo de implantação do curso, tendo início os concursos públicos para contratação de professores efetivos.

Assim, em 2009, a professora Cláudia Galvão, ao ser aprovada no concurso público, inicia seu trabalho como a primeira professora do curso de terapia ocupacional da UFPB. Como nesse período, ainda não havia estudantes matriculados, o seu trabalho estava voltado para a organização do curso e atribuições administrativas. Posteriormente à sua chegada, iniciou-se o processo de concurso público para a contratação de novos professores.

Ao longo da entrevista, a professora Cláudia Galvão detalha esse processo: “Fiz a projeção de cada área específica que iria ter para fazer os concursos, depois disso a gente publicou o edital. Eu acompanhei todos os primeiros concursos, eu não podia fazer parte da banca, mas eu acompanhei todos sendo executados” (Trecho retirado da entrevista com a professora Cláudia Galvão). Diante a esse cenário, foram aprovadas e contratadas nos concursos públicos seguintes, as professoras Ângela Dornelas, Maria de Lourdes Feriotti e Carmen Tereza Costa, marcando a composição e ampliação do corpo docente do curso. De início, a professora Cláudia ficou lotada no Centro de Ciências da Saúde, e quando as outras professoras chegaram, foi criado o Departamento de Terapia Ocupacional.

Concomitantemente a isso, as professoras observaram que as disciplinas contidas no PPC da terapia ocupacional estavam fundamentadas em um modelo biomédico e numa visão, considerada por elas, “reducionista” da profissão, com um foco maior em disciplinas obrigatórias das ciências biológicas e ciências da saúde, como cita a professora Carmen Tereza “o currículo com o qual tinha sido aprovado [...] era um currículo estritamente biomédico” (Trecho retirado da entrevista com a professora Carmen Tereza), e professora Angela justifica esse formato de PPC:

A gente tendo no currículo como obrigatório, por exemplo, parasitologia, porque eu entendo e a gente agradece muito as pessoas que nos antecederam e que fizeram o projeto, que eles tinham que trabalhar com o apoio dos departamentos, e foram esses departamentos que apoiaram o curso, então eles se comprometeram a dar essas disciplinas (Trecho retirado da entrevista realizada com a professora Ângela Dornelas).

Diante a essas circunstâncias, foi identificada a necessidade de reformulação do currículo. Conforme Galheigo et al (2018), a primeira onda de constituição dos cursos de terapia ocupacional, a partir de 1956, tinha uma vertente reducionista e uma forte fundamentação no modelo biomédico, no qual os conhecimentos “eram produzidos a partir de bases biológicas, cinesiológicas, psicológicas e clínicas” (Galheigo et al, 2018, p.727). Com o passar dos anos, as terapeutas ocupacionais começaram a ter um posicionamento questionador à produção da terapia ocupacional centrada no modelo biomédico e, tendo como luz a contextualização social e política do sujeito, considerando-o como um todo e não apenas focando nos processos de saúde e doença.

Sendo assim, neste período, o curso de terapia ocupacional apresenta, à reitoria da UFPB, a demanda de reformulação e consegue a possibilidade de criação de novas disciplinas, produzindo algumas alterações na grade curricular, como verificado na Resolução nº 81/2010 do CONSEPE (Universidade Federal da Paraíba, 2008, p. 145.)

Em concordância, as professoras Ângela Dornelas, Claudia Galvão, Maria de Lourdes Feriotti e Carmen Tereza Costa decidiram organizar o PPC para que abarcasse os parâmetros curriculares internacionais. Corroborando, a Federação Mundial de Terapia Ocupacional (World Federation of Occupational Therapists -WFOT) afirma que é necessário, para a formação de terapeutas ocupacionais, o mínimo de 1.000 horas práticas (Hahn & Lopes, 2003). Em consonância, a Resolução do Conselho Nacional de Educação de 19 de fevereiro de 2002, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em terapia ocupacional no Brasil, sendo um dos critérios, a carga horária mínima do estágio obrigatório supervisionado deve atingir 20% da carga horária total do curso (Ministério da Educação, 2002).

Outro fato importante a ser citado, e que embasou a proposta de revisão do PPC, é que as professoras desejavam que o currículo tivesse mais conteúdos voltados para a discussão sobre “ocupações”, como a professora Maria de Lourdes afirma: “Na época, se importava em definir a identidade do Terapeuta Ocupacional, e houve um consenso que a gente ia definir a Terapia Ocupacional em torno da ideia da ocupação humana.” (Trecho retirado da entrevista realizada com a professora Lourdes Feriotti). A discussão sobre termos e conceitos em terapia ocupacional certamente não tem um consenso na realidade brasileira, tendo muitas formas de se produzir conhecimento em terapia ocupacional, apontando para a conceituação de termos como ocupação, atividade humana, cotidiano, modos de vida, dentre outros tantos. Mas, naquele momento, o grupo formado pelas primeiras professoras do curso acreditavam que seria importante dar um foco para a discussão sobre “ocupação”. Ademais, surge a importância de adicionar disciplinas que contemplem outros campos da terapia ocupacional para além da saúde, como o campo social e a educação.

Vale salientar que as professoras Ângela, Cláudia, Maria de Lourdes e Carmen eram de regiões diferentes do Brasil e tinham experiências profissionais diversas, trazendo distintas referências e experiências para a realização das mudanças da grade curricular, possibilitando uma ampliação de perspectivas de formação para os discentes.

Assim, a matriz curricular, após uma primeira revisão, foi organizada e aprovada em 2010. No período letivo 2010.2 deu-se início às aulas, e a professora Carmen Tereza relembra sobre a turma pioneira e os define como “valentes”, pois de acordo com ela: “Em vez de reclamarem do que estava faltando, eles

buscavam alternativas para solução dos problemas. Foi uma turma envolvida, dedicada, competente e responsável.” (Trecho retirado da entrevista realizada com a professora Carmen Tereza).

Já, em 2011.1 todos os alunos matriculados no curso migraram para a nova grade curricular. Em fevereiro de 2011 houve a contratação de uma nova professora, totalizando cinco docentes para o departamento de terapia ocupacional. E em 2012, foi realizada uma nova revisão curricular, adicionando disciplinas optativas e realizando algumas alterações nas ementas de disciplinas obrigatórias.

Essas mudanças foram importantes para que o curso pudesse ampliar as concepções sobre terapia ocupacional, tendo disciplinas com carga horária de prática em alguns setores de política pública, como na saúde, na assistência social e na educação, preparando os discentes para refletir e experienciar diferentes possibilidades de atuação do terapeuta ocupacional.

Em paralelo à elaboração da matriz curricular, ocorria também a construção da estrutura física para o curso de terapia ocupacional. De acordo com o Padrão Mínimo de Qualidade para Cursos de Terapia Ocupacional, elaborado pelo MEC em 1997 é indicado, como o mínimo desejável, a existência de três laboratórios para ensino, sendo: 1. Atividades e recursos terapêuticos (realização de atividades artesanais, lúdicas e culturais); 2. Atividades da vida diária, próteses e órteses (terá a reprodução de uma casa e um local para a produção de órtese e prótese) e; 3. Atividades corporais, expressivas e dramáticas (o laboratório deve ser grande com espelhos e pisos antiderrapantes, as aulas são para expressividade corporal) (Ministério da Educação, 1999). Esses laboratórios podem receber outros nomes, mas mantendo a sua finalidade (Ministério da Educação, 1997). Além disso, deve haver uma clínica terapêutica-ocupacional, tendo iluminação, refrigeração, espaços adequados e acessíveis (Ministério da Educação, 1997).

Em consonância aos preceitos normativos, uma equipe composta por engenheiros e a professora Cláudia Galvão, que já tinha experiência com a organização e estruturação de uma Clínica-Escola na Universidade Potiguar (na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte), realizaram o planejamento e identificação das necessidades estruturais do prédio que abrigaria os espaços físicos para o curso de terapia ocupacional.

Como o programa REUNI previa a construção da infra-estrutura e aquisição equipamentos de qualidade, estava previsto, também, a verba para custear a estrutura, e a execução estaria à cargo de cada instituição de ensino superior, o professor João Euclides conta com detalhes:

O recurso veio, nós fizemos junto à Reitoria a demanda de termos uma estrutura própria, um prédio próprio, para Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, foi onde surgiu essa proposta integrada, dos dois cursos um do lado do outro e no meio um auditório que pudesse não só beneficiar esses dois cursos mas o CCS como um todo, que não tinha até aquele momento um auditório com mais de cem lugares. [...]. Essa proposta foi muito debatida na Reitoria porque eles não queriam que esse auditório fosse criado.[...]. Foi então nessa negociação que chegamos a um bom termo e o recurso foi liberado e aí começamos a construção desse prédio. (Trecho retirado da entrevista realizada com o professor João Euclides)

Além desses problemas relatados, a professora Maria de Lourdes destaca as dificuldades em relação à infraestrutura para início das atividades do curso:

A gente não tinha sala, a gente não tinha armário, a gente não tinha nada, a gente tinha um prédio em construção. Então nós tivemos que trabalhar sem recurso, assim, desde armários e pastas de arquivo, até sala, cadeira e ar-condicionado. Então precisamos dizer que a gente começou do zero (Trecho retirado da entrevista realizada com a professora Lourdes Feriotti)

Como posto no PPC "Inicialmente o curso de Terapia Ocupacional utilizará as dependências físicas do Centro de Ciências da Saúde e deverá ampliar seus espaços de acordo com a sua demanda de necessidade com recursos previstos no Projeto REUNI/UFPB" (UFPB, 2008, p.19). Nessas circunstâncias, o Departamento de Morfologia do CCS organizou um espaço para amparar os cursos de terapia ocupacional e fonoaudiologia.

Em 2012, houve um importante marco para o curso de terapia ocupacional da UFPB, que foi a inauguração do atual prédio de terapia ocupacional, tendo salas de aula, laboratórios, Clínica-Escola, sala dos professores, sala para pesquisa, sala para reuniões, seguindo todas as recomendações do MEC, além de espaço para alunos descansarem entre os intervalos de aulas.

A professora Andreza Polia destaca a importância desses espaços dentro da UFPB e evidencia a visibilidade que a terapia ocupacional nesta Universidade passa a ter:

O fato da gente ter um laboratório aqui como o Lavita, que atende a todos os servidores, como docentes ou técnicos administrativos e também os discentes, torna a gente uma referência institucional. Qualquer pessoa que precisar de uma cadeira de rodas, uma muleta vai chegar aqui no departamento, no laboratório. O próprio Metuia como referência social fazendo parte de uma rede interinstitucional dá um peso pra gente, se vocês pensarem que só tem 7 universidades no país a gente é uma delas que tem o Metuia entre públicas e privadas, eu acho que nós estamos bem (Trecho retirado da entrevista realizada com a professora Andreza Polia).

Após o PPC constituído e as mudanças necessárias na matriz curricular, iniciam-se novos desafios como o de implantação administrativa do DTO. De início, eram apenas quatro professoras, e eram necessárias quatro pessoas para assumirem os cargos de chefe de departamento, vice-chefe de departamento, coordenador de curso e vice-coordenador de curso. Desse modo, as quatro professoras tiveram que assumir algum cargo de gestão. A professora Maria de Lourdes, à época, era chefe do departamento e relembra como foi esse período: "Eu lembro do primeiro arquivo, eu tive que fazer um Memorando. Eu tive que começar a arquivar os documentos e não tinha pasta, então eu saí pela UFPB buscando pastas que as pessoas não estavam usando em outros cursos." (Trecho retirado da entrevista realizada com a professora Lourdes Feriotti)

Além desse desafio institucional, existem desafios externos, como o desconhecimento da população em relação à importância do profissional para a sociedade, como a professoras Cláudia Galvão afirma:

A maior dificuldade no processo de implementação do curso foi o desconhecimento das pessoas, a resistência em colocar o profissional no serviço público. E à medida que a gente foi mostrando o nosso trabalho, implantando nos serviços, a gente foi sendo reconhecido (Trecho retirado da entrevista realizada com a professora Cláudia Galvão).

Esses desafios mostram o quanto houve resiliência por parte do corpo docente para dar início ao primeiro curso de terapia ocupacional do estado da Paraíba.

Uma das estratégias utilizadas para a divulgação do curso, no início, foram as feiras de profissões, levando informações sobre a profissão para escolas e serviços de saúde. Destaca-se que, de acordo com a professora Maria de Lourdes, o processo de divulgação foi interessante, pois "a gente andava por João Pessoa e pelos arredores. A gente fez uma divulgação corpo a corpo, enviamos cartas, convidamos as pessoas para conhecer o curso" (Trecho retirado da entrevista com a professora Lourdes Feriotti).

Esse processo de divulgação foi importante para a consolidação do curso, visto que as professoras iam até a população para explicar sobre o quanto a terapia ocupacional é uma profissão essencial para diferentes setores da política pública.

Outro fator que gerou maior visibilidade ao curso foi a inserção da terapia ocupacional na Residência Multiprofissional Hospitalar no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), em 2012. De acordo com a professora Ângela Dornelas: "Mesmo que viessem [terapeutas ocupacionais para a residência] de outros estados, iria dar visibilidade no âmbito hospitalar universitário. Para poder a gente também justificar uma contratação significativa de profissionais lá no HULW" (Trecho retirado da entrevista com a professora Ângela Dornelas).

Como não havia terapeutas ocupacionais no Hospital Universitário, as professoras tinham que ser as preceptoras na residência. Então, com essa inserção da terapia ocupacional na residência, isso acabou por gerar uma necessidade iminente de contratação de terapeutas ocupacionais, o que levou o HULW a abrir sete vagas para contratação, sendo todas as vagas preenchidas.

Em 2014, houve o reconhecimento do curso de terapia ocupacional da UFPB pelo MEC. Em 2017, o guia do estudante classificou o curso como 5 estrelas, assim como ocorreu em 2018, quando o MEC também avaliou com nota 5, o conceito máximo. A professora Carmen lembra como foi: "Na primeira avaliação do MEC o curso com quatro a cinco anos teve uma avaliação 5, sem recurso, foi na garra, no acreditar. Sabe, éramos de oito a nove professores só, era um curso no sangue." (Trecho retirado da entrevista realizada com Carmen Tereza).

## **Conclusão**

Conhecer as histórias sobre a implantação do curso de terapia ocupacional na UFPB é compreender os processos pelos quais foi possível inaugurar a formação em terapia ocupacional no estado da Paraíba, bem como destacar as pessoas que desenvolveram um importante trabalho de pesquisa, elaboração da proposta e tramitação em diferentes instâncias, e, também, dar valor e reconhecimento à história da terapia ocupacional no estado da Paraíba.

Considerando que essa pesquisa tinha como objetivo a identificação dos processos históricos que levaram à constituição da terapia ocupacional no estado da Paraíba, conclui-se que o programa REUNI foi o principal motivo impulsionador para a mobilização e criação do curso de terapia ocupacional na Universidade Federal da Paraíba.

Vale ressaltar que, para o estabelecimento do curso, muitos desafios foram enfrentados por todos os envolvidos no processo de elaboração e implantação do curso. Destaca-se como os principais obstáculos: a superação da invisibilidade da profissão do terapeuta ocupacional, a construção coletiva pelo trabalho de diferentes atores e profissionais para a construção do PPC do curso, o enfrentamento dos processos burocráticos para a materialização da construção e dos espaços físicos, bem como a contratação de professores, técnicos e terapeutas ocupacionais para atuarem junto ao curso.

Por conseguinte, é importante foca que no decorrer desses 15 anos de criação do PPC e posteriormente a implantação do curso de terapia ocupacional, muitos fatos históricos ocorreram, como o reconhecimento do curso feito pelo MEC e a inserção do terapeuta ocupacional na residência multiprofissional do HULW, bem como a contratação de terapeutas ocupacionais no Hospital Universitário e na UFPB.

À vista disso, o curso de graduação em terapia ocupacional tem ganhado maior visibilidade no CCS, na UFPB e no estado da Paraíba, sendo reconhecido pelos avanços em diferentes campos de atuação. Salienta-se que esse mérito se deu pelos esforços do corpo docente, dos técnicos administrativos, dos terapeutas ocupacionais e dos discentes que se mantém empenhados em ofertar o melhor para a profissão que escolheram. Nesse contexto, a graduação de terapia ocupacional na UFPB tem progredido muito no que se refere às contribuições para a sociedade, com projetos de extensão, pesquisa, monitoria, estágios, dentre outras atividades sociais e acadêmicas.

Destarte a presente pesquisa nos coloca outras indagações, como a discussão sobre o perfil e atuação dos egressos do curso, a constituição do mercado de trabalho e como o curso de terapia ocupacional da UFPB pode ter possibilitado a ampliação das ações e práticas profissionais de terapia ocupacional no estado da Paraíba, assim como a discussão sobre as novas demandas que possam ser trabalhadas por esta profissão.

Foi possível constatar que todo esse processo nos leva à discussão sobre qual a formação em terapia ocupacional necessitamos e almejamos construir, bem como produzir espaços de visibilidade e reconhecimento da terapia ocupacional no estado da Paraíba.

## Referências

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70.

Brasil. (2007). Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Presidência da República Casa Civil. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm). Acesso em: 6 ago. 2024.

Brasil. (1969). *Decreto-Lei nº 938, de 13 de outubro de 1969 – Provê sobre as profissões de fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, e dá outras providências*. Diário Oficial da União. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0938.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0938.htm)

Galheigo, S. M., Braga, C. P., Arthur, M. A., & Matsuo, C. M. (2018). Produção de conhecimento, perspectiva e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: Marcos e tendências em

uma linha do tempo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26 (4), 723–738.

<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1773>

Hahn, M., & Lopes, R. E. (2003). Diretrizes para a formação de terapeutas ocupacionais: Percursos e perspectivas. *Proposições*.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/864391>. Acesso em: 6 ago. 2024.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2021). *Fundamentos de metodologia científica* (9ª ed.). Grupo Editorial Nacional.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2022). *Metodologia científica* (8ª ed.). Grupo Editorial Nacional.

Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (13ª ed.). Hucitec.

<https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400030>

Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentação teórica das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 38, 99–115.

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34958005002> Acesso em: 6 fev. 2025.

Ministério da Educação. (2002). Resolução CNE/CES 6, de 19 de fevereiro de 2002. Brasília.

Ministério da Educação. (1997). Padrão mínimo de qualidade para cursos de terapia ocupacional. Brasília.

Monzeli, G. A. (2021). *Histórias da terapia ocupacional na América Latina: A criação dos primeiros programas de formação profissional*. Editora UFPB.

Monzeli, G. A., Morrison, R., & Lopes, R. E. (2019). Histórias da terapia ocupacional na América Latina: A primeira década de criação dos programas de formação profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(2), 235–250. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1631>

Pan, L. C. (2014). *Políticas de ensino superior, graduação em terapia ocupacional e o ensino de terapia ocupacional social no Brasil* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos). Universidade Federal de São Carlos.

Reis, S. C. C. A. G., & Lopes, R. E. (2018). O início da trajetória de institucionalização acadêmica de terapia ocupacional no Brasil: O que contam os (as) docentes pioneiras sobre a criação dos primeiros cursos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, (2), 255–270. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1154>

Silva, E. J., Reis, S. C. C. A. G., & Bezerra, W. C. (2022). A institucionalização acadêmica da terapia ocupacional no ensino superior de Alagoas: Percurso histórico. *Revisbrato*, 715–731.

<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto43842>

Universidade Federal da Paraíba. (2008). Projeto Pedagógico do Curso de Terapia Ocupacional. João Pessoa. [http://www.ccs.ufpb.br/coordto/contents/documentos/ppc/ppc\\_to\\_2008\\_aprovado\\_consepe-alteracoes-compressed.pdf](http://www.ccs.ufpb.br/coordto/contents/documentos/ppc/ppc_to_2008_aprovado_consepe-alteracoes-compressed.pdf) Acesso em: 6 ago. 2024.

**Contribuição dos autores:** A. B. S. R.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. L. H. A. S.: Coleta dos dados, revisão do texto. G. A. M.: Orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto.

**Recebido em:** 11/02/2025

**Aceito em:** 09/05/2025

**Publicado em:** 31/07/2025

**Editor(a):** Ricardo Lopes Correia